

Hélia Correia

Um Bailarino na Batalha



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: Um Bailarino na Batalha
Autora: Hélia Correia
Revisão de texto: Joana Nunes
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com) sobre
fotografia de Nicol Vizioli (para o cartaz de *Xenos*, Akram Khan Company)

© Relógio D'Água Editores, Setembro de 2018

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-876-2

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 445014/18



Hélia Correia

Um Bailarino na Batalha

Ficção Portuguesa

Aquilo que voa nem espessura tem para projectar sombra. Passa e apenas entristece um pouco a já cinzenta areia. É a memória. A lívida memória, descolada dos cérebros, tão fina, tão doente que não pode tocar-se, que, ao mínimo contacto, cairá, desfeita em pó. E o seu nome mudará para esquecimento. E o esquecimento tudo esquecerá.

Não se olha para trás, dizem os velhos. Não se olha nunca, nunca, para trás. É isso o que distingue a guerra de outras maneiras de morrer. Nuns casos diz-se adeus e noutros, não. Na guerra, o que está dentro da pessoa tem de atirar-se para a frente, como pedras. Cada um vem a ser a própria pedra, de modo a não ter fome, não ter frio, não ter medo. A pedra é o milagre.

Pesados como pedras, no entanto velozes como pedras, eles caminham, os últimos errantes, uns poucos dias mais adiante, os poucos dias que os separam da música dos ossos. Eles caminham, os últimos errantes, embatendo uns nos outros, repelindo, à força de olhos e de cotovelos, à força daquele ronco que lhes bate, mais do que o coração, dentro do peito, repelindo e chamando, concentrados na marcação das cenas animais, na coreografia da matilha. Pois tudo aquilo que séculos, milénios, foram acumulando, abstracções, certa elegância na sobrevivência, as leis cujo poder suspende a faca e faz descer a faca, tudo era fácil de rasgar, tudo era um mero adorno, um véu de rapariga, algo que não resiste à impiedade.

Agora dormem agitadamente, entregues uns aos outros, confiando primeiro nos laços de família, só depois na vizinhança, e confiando pouco, enfurecidos contra os próprios sonhos que impedem a vigília. Fogem da pátria. Tinham pátria? Tinham, pelo menos, povo. Porque as pátrias surgiam num momento e apagavam-se noutra. Os povos, não.

Considerai, portanto, os caminhanes como seres demitidos, como seres de fraca humanidade. Olhai-lhes para os pés e não vereis senão as grossas crostas defensivas, não vereis senão inchaço e lama. Alguma vez terão dançado aqueles pés, alguma vez se deitaram em mantas de algodão, alguma vez foram, sequer, beijados?

Não têm chefe. Os poucos homens válidos já não se digladiam pelo poder. Gerem avaramente os desperdícios como a saliva, a turgidez das veias, tudo o que a ira vai tirar ao organismo. E como comandar o quê? Mais vale esperar que as ventas de Nuru, o cego, dito o Cheio de Luz, indiquem algo como uma direcção, um fraco odor de cartilagens mortas, o muito ansiado bafo de uma fonte. O destino, bem sabem, é o mar e o para além do mar. Nem se perguntam de que forma farão a travessia. Ninguém pergunta como se abre o portão do paraíso antes de o avistar.

A fome humilha mais que a escravidão, pensa Tariq. Vê as cobras e as crianças a perseguirem-se alternadamente, sob os olhares de quem inveja a velocidade daqueles pequenos pés. Esses que olham só querem deitar mão a um pedaço do produto da caçada. A certo ponto da jornada, o peito encolhe, deixa de ser capaz de albergar muita coisa ao mesmo tempo. Ou bem que anseia pela comida, ou bem que teme pela vida dos mais novos. As cobras têm carne apetecível. Mas não chegam para todos. As mães gritam e arranham quem pretende aproximar-se. As cobras escorrem sangue e vão dançando entre as mãos e as bocas.

Tariq limita-se a usar o braço são para, com o cajado, separar as víboras cornudas dos rapazes. É um homem cobarde e até mesmo as crianças que ele salva do veneno se desviam, virando a cara para o lado oposto.

Os sem-família estão fora do círculo. Não porque o sangue herdado estabeleça grandes critérios de comportamento. Simplesmente, as pessoas reconhecem-se não por causa do amor, mas pela história de desastres comuns na mesma casa. Recordam-se de partos e pancadas, de queimaduras ao fogão, de uma agonia excepcionalmente duradoura, de iniciações que não correram bem e que servem de mote ao bom humor. Os sem-família acham-se desprovidos desses golpes nos nervos, desses risos, dessa comida retirada com os dedos da malga posta sobre o chão varrido que perduram por dentro das cabeças, tão identificáveis como um cheiro.

Mantêm a distância e insinuam-se, com um jogo de pés sombrio e elástico.

O velho teve de admitir que estava cego. Podia caminhar, orientado pelos murmúrios, pelas más respirações. Porém, não conseguia alimentar-se nem com restos de pão nem com raízes. Embatia na gente acorçada.

«Levai-me até um ninho de lacraus», pediu então. Queria morrer depressa.

Mas procurar um ninho de lacraus provocava uma espécie de avesso no caminho, um desvio, um desgaste inoportuno. Ninguém lhe deu ouvidos. Repararam que ele tinha os olhos brancos e temiam que os amaldiçoasse.

Então andaram um pouco mais depressa, de maneira a que as palavras não os atingissem. O velho ainda atirou pedras imaginárias. «Levai-me ao menos para a sombra», disse. Mas não havia sombras.

E Tariq começou a recuar sobre os seus passos, acercando-se do velho, mas sem perder de vista os caminantes. «Eu torno-te meu pai. Trato de ti.» Falava baixo e cheio de secura. Levou o velho pela mão, não por bondade, mas para ter alguém ligado a si.

E chamou-lhe Nuru, Cheio de Luz. E Nuru transformou-se num bom guia.